

**OS ESPAÇOS PÚBLICOS CENTRAIS E PERIFÉRICOS DA CIDADE DE
CAMPO MOURÃO, PARANÁ, BRASIL: DISCREPÂNCIAS E
SIMILARIDADES**

CENTRAL AND PERIPHERAL PUBLIC SPACES IN THE CITY OF CAMPO MOURÃO, PARANÁ, BRAZIL:
DISCREPANCIES AND SIMILARITIES

Anderson Franciscon

Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento
Universidade Estadual do Paraná-Campus Campo Mourão
Avenida Comendador Norberto Marcondes n.733, CEP 87.303-100
Campo Mourão, Paraná, Brasil
E-mail: a.franciscon@hotmail.com

Marcos Clair Bovo

Departamento de Geografia/Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento
Universidade Estadual do Paraná-Campus Campo Mourão
Avenida Comendador Norberto Marcondes n.733, CEP 87.303-100
Campo Mourão, Paraná, Brasil.
E-mail: mcbovo69@gmail.com

RESUMO

O espaço público é um dos temas mais relevantes na sociedade contemporânea. Tema que vem sendo debatido por diferentes áreas do conhecimento, dentre elas: geografia, filosofia, sociologia, arquitetura e história, as quais buscam por diferentes vieses o seu entendimento nas diferentes especificidades ou na sua totalidade por meio de um enfoque interdisciplinar. Dentre os espaços públicos temos as ruas, praças, parques e diversos edifícios institucionais (prefeituras, escolas, hospitais, etc). Historicamente, a construção da cidade e dos espaços públicos são desiguais quando se há zonas de interesse, como centro, periferia. O artigo objetiva analisar as particularidades e similaridades de diferentes espaços públicos na cidade de Campo Mourão-PR, destacando a infraestrutura, políticas públicas, usos e funções. O aporte metodológico é constituído de pesquisa quali-quantitativa, pesquisa bibliográfica, pesquisa in locu. Os resultados indicam investimentos em infraestruturas por parte do poder público nas praças centrais; utilização desses espaços públicos pela população; investimentos em políticas públicas tornando esses espaços atrativos; as praças centrais oferecem o lazer ativo, e de permanência. Quanto a praça do Fórum foi caracterizada apenas como local de passagem ausência/manutenção de infraestrutura e ausência de atividades.

Palavras-chave: Espaço publico; Centro; Periferia;

ABSTRACT

Public space is one of the most relevant themes in current society. The subject has been debated by several areas of knowledge, among which are geography, philosophy, sociology, architecture and history, aiming at different bias for the understanding of specificities or its totality, by means of an interdisciplinary focus. Streets, squares, parks and several institutional buildings (city halls, schools, hospitals, etc.) are among the public spaces. Historically, the formation of a city and its public spaces are unequal when there are zones of interest, such as center and periphery. This article aims at analyzing particularities and similarities of different public spaces in Campo Mourão-PR, highlighting infrastructure, public policies, usages and functions. Methodological embasement is given by quali-quantitative research, bibliographical research, in locu research. Results show: investments by the public power on the infrastructure of central squares; usage of these public spaces by the citizens; investments on public policies for the attractiveness of such spaces; central squares offer active and permanente leisure. Regarding the Forum square, it was characterized only as a passing place, lacking infrastructure maintenance and activities.

Keywords: Public space; Center; Periphery;

1. Introdução

A arquitetura consiste na arte de produzir espaços (públicos ou privados), sejam eles edificadas, paisagísticos ou urbanísticos. Capaz de ditar regras, a arquitetura submete-se a capacidade técnica, intelectual e financeira de seu(s) idealizador(es) bem como também, pela cultura de seus utilizadores/freqüentadores.

É importante destacar que, ao estudar a arquitetura da cidade, e seus espaços públicos faz se necessário fazer uso da pesquisa interdisciplinar, visto contemplar as divergências/convergências da materialidade e imaterialidade, assim, conhecendo e repensando o papel dos diferentes profissionais atuantes na sua feitura e manutenção. Envolvendo conceitos pertinentes a arquitetura urbanística, a geografia, a filosofia e sociologia urbana entre outros.

Historicamente a cidade é composta por espaços públicos e privados, construídos sob distintos interesses, visando o poderio turístico e financeiro. Assim, a construção da cidade torna-se desigual, por muitas vezes privilegiando zonas de maior interesse, como as regiões centrais e

turísticas. É nesse contexto, que o artigo objetiva analisar as particularidades e similaridades de diferentes espaços públicos na cidade de Campo Mourão-PR, destacando as infraestruturas, políticas públicas, usos e funções. É neste sentido que evidenciamos a cidade de Campo Mourão em seu contexto regional, sede da COMCAM (Comunidades dos Municípios da Região de Campo Mourão), sendo importante polo hospitalar, econômico, universitário, tecnológico e gastronômico.

A pesquisa é de caráter quali-quantitativo e utilizamos os seguintes aportes metodológicos: recorte espacial (espaços públicos centrais e periféricos, pesquisa bibliográfica, pesquisa em órgãos públicos (Prefeitura Municipal de Campo Mourão), pesquisa *in locu*, entrevistas, e levantamento urbanístico-arquitetônico.

2. O espaço público: apontamentos iniciais

Os espaços públicos estão presentes tanto na zona rural, quanto na zona urbana, nesta última, torna-se mais notável por meio dos parques, praças ruas calçadas, áreas verdes, edifícios institucionais, entre outros. Uma cidade enquanto território é composta por inúmeras e distintas frações territoriais, pertencentes ao domínio público e privado.

Em termos percentuais, segundo Bastos (1999) cerca de 35% de sua área urbana pertencente ao domínio público, fracionado em sistema viário 20%, áreas verdes, 10% e áreas institucionais 5%. Demais parcela, (65%) são terrenos de dominialidade privada. Presente desde as cidades primitivas, no entanto, citado pela primeira vez em documento administrativo apenas em 1977, sendo direcionado a ruas, praças e espaços verdes (ASCHER, 1995).

Sendo um dos principais pontos notáveis de uma cidade, apresenta distintas e importantes funções como: sociais, organizacionais, ecológicas e culturais (BORTOLO, 2013). Desta forma, torna-se palco de importantes e distintos eventos, envolvendo diferentes atores/agentes/atividades, tornando-se objeto de estudos das mais distintas áreas do conhecimento, por muitas vezes, resultando em conceitos e definições de caráter interdisciplinar, nos quais cada pesquisador apresenta contribuições distintas, podendo envolver duas ou mais áreas do conhecimento.

A conceituação de espaços públicos pode envolver diferentes sentidos, consequência da complexidade que abrange o termo; além disso, alguns autores, como (GOMES, 2006), apontam para uma deformação em relação ao conceito. Enquanto que (CASTRO, 2002) destaca a banalização de seu uso, o que faz com que seu significado seja muitas vezes tido como incerto. Salientamos que a definição do espaço público não pode ser entendida apenas a partir de sua natureza jurídica, representada pelos estatutos dos diferentes espaços urbanos e amparada na dicotomia público/privado, uma vez que, outros fatores devem ser considerados (acessibilidade física/simbólica).

Dentre as distintas definições de espaço público, talvez a de melhor conotação, trata-se da indissociação entre acessibilidade e direito de propriedade, ou seja, o espaço deve pertencer ao estado enquanto território, ao mesmo tempo, permitir livre acesso físico e simbólico por parte dos frequentadores. É nesse sentido

que Sobarzo (2017) define espaço público como um tipo de propriedade e por uma possibilidade de uso.

Assim sendo, Gomes (2006, p. 162) considera que “fisicamente, o espaço público é, antes de tudo, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa”. Para o autor, esta é uma regra que deve ser seguida, apesar das divergências dos grupos sociais que convivem sob o mesmo espaço. Diante disso, essa acessibilidade deve estar sujeita apenas às normas que regulam as condutas nas áreas comuns.

Para Gomes (2006), o espaço público é um conjunto indissociável das formas com as práticas sociais. Assim, de acordo com Serpa (2011), é entendido como o espaço da ação política na contemporaneidade, e ainda como espaço simbólico, no qual se manifestam diferentes ideias de cultura e de sujeitos. Sob essa perspectiva, o autor evidencia a transformação destes espaços em mercadoria e sua conseqüente apropriação desigual.

Segundo Castro (2002, p. 54), o conceito de espaço público vai além de uma determinação político-jurídica, já que o espaço público é um produto do uso social. Segundo a autora, “existem espaços públicos inacessíveis ou proibidos e outros, que não são juridicamente públicos, mas têm um uso colectivo intenso”. Diante disso, entendemos que a ideia de público determina-se pelo oposto à noção de privado, de modo que não deveria haver, portanto, restrições no critério da acessibilidade destes espaços. “O critério de acessibilidade repousa sobre a ideia implícita de que é a livre circulação do corpo no espaço que o torna público e que espaços acessíveis pressupõem” (CASTRO, 2002, p. 55).

Na produção dos espaços públicos, buscamos atribuir uma expressiva demarcação física e/ou simbólica, estas que devem atribuir diversos sentidos como: recreação, circulação, participações políticas, comunitária, espaço aberto de propriedade pública, entre outros, explica Bortolo (2013). Para o autor, os espaços públicos recentes expressam a produção cultural de um determinado momento. [...] cada indivíduo e grupo identificam o espaço público de uma dada maneira, o que significa que o desenho urbano e, por conseguinte, o desenho de alguns espaços públicos é forma palpável dos movimentos e ações coletivas.

Nesse contexto, nas palavras de Ré (2017), além de juridicamente delimitado e acessível, o espaço público é complexo, plural e multifuncional. Uma investigação dessa temática pelos autores permite-nos dizer que os espaços públicos compreendem hoje um desafio nos projetos urbanos na medida em que deve atender a diferentes usos e públicos.

3. Procedimentos metodológicos

A pesquisa é quali-quantitativa sendo constituída dos seguintes aportes metodológicos: recorte espacial (espaços públicos), pesquisa bibliográfica, pesquisa em órgãos públicos (prefeitura municipal de Campo Mourão), pesquisa in locu, entrevistas, e levantamento urbanístico-arquitetônico.

Num recorte espacial (figura 01), selecionamos os principais espaços públicos mourãoenses idealizados em seu plano urbanístico inicial (década de 1940), sendo as praças São José e Getúlio Vargas, conhecida como Praça da Igreja (centro) e a Praça Bento Munhoz da Rocha Neto, conhecida como Praça do Fórum, (periférica). É importante destacar que, consideramos a praças São José e Getúlio Vargas como única, devido suas características e proximidades.

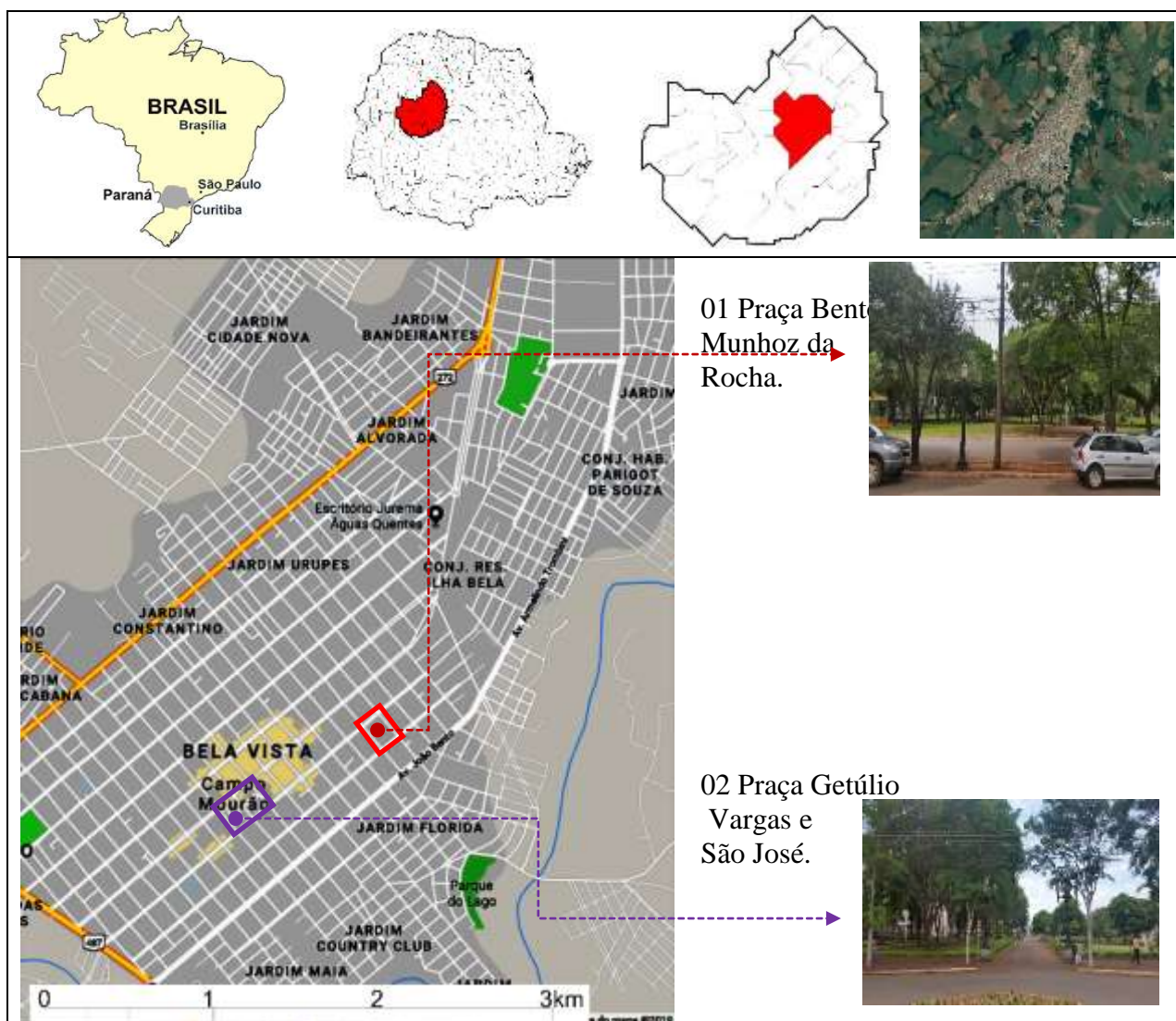


Figura 1. Campo Mourão- PR: Recorte espacial. Fonte: Google Maps adaptado pelos Autores.

O recorte espacial “seleção dos espaços públicos” foi definido por meio de sua importância no contexto local e regional. A praça São José e Getúlio Vargas situam-se no “coração financeiro, cultural e social de Campo Mourão”, dotadas de infraestrutura, propiciam a mobilidade urbana, como: ponto de táxis, terminal rodoviário e estacionamento. Ambas possuem elementos simbólicos, como o Chafariz, o Coretto Alberto Nogarolli, a Estação da Luz Dom Eliseu Simões Mendes (antiga estação rodoviária) e a Catedral São José,

eleita em 2009 como “Símbolo de Campo Mourão”.

Ainda na zona central, no entanto, mais periférica, a Praça Bento Munhoz da Rocha Neto é marcada pela presença imponente do poder judiciário de Campo Mourão e região, de ocupação mista (instituições, comércios e moradias). A praça conta com ponto de ônibus para transporte municipal e intermunicipal. A praça ainda carrega a honraria de contar com o primeiro obelisco mourãoense (1976).

Definido os espaços pesquisados, partiu-se para um levantamento de campo, com a finalidade de quali-quantificar a infraestrutura local e do entorno, considerando: bancos, iluminação, lixeiras, sanitários, telefone público, bebedouro, pavimentação, acessibilidade, elementos artísticos, ponto de água, estacionamento, ponto de ônibus e de taxi, quadras esportivas, equipamentos de ginástica, parque infantil, banca de revista, quiosque de alimentação, edifícios institucionais. Qualidade do paisagismo, limpeza/conservação e segurança.

Nesse momento, realizamos o levantamento de campo (*As Built*), obtendo um diagnóstico preciso do sítio e seu entorno, apresentando-o por meio de mapas cartográficos e imagens fotográficas. Além do mais, na cartografia representamos os objetos (bancos, luminárias, quiosques, etc.) em diferentes escalas de cores, conforme sua avaliação individual. Destacamos que a nota referente a cada grupo, por exemplo, bancos, foi atribuída conforme o conjunto e não em sua singularidade.

Com o objetivo de avaliar qualitativamente o estado de conservação dos mobiliários e equipamentos públicos, aplicamos metodologia qualitativa adotada por De Angelis (2000) adaptada pelo autor, na qual classificamos os objetos numa escala de 0,0 (zero) a 3,0 (três). Sendo: 0,0 —|1,0 ↔ ruim; 1,1 —|2,0 ↔ regular; 2,1 —|3,0 ↔ bom. A metodologia consiste em qualificar o conjunto de equipamentos levando em consideração seu estado de conservação, usabilidade, acessibilidade e potencial estético, histórico e simbólico.

Já levantada a estrutura física, partimos para realização de entrevistas, objetivando a avaliação do espaço investigado sob a ótica dos frequentadores, assim sendo foi possível saber se os espaços pesquisados atendem ou não aos anseios da população, conhecendo suas principais deficiências e potencialidades.

Os questionários foram aplicados no local pesquisado e seu entorno imediato. A amostragem segue caráter não-probabilística, visto não haver conhecimento da população que os frequenta, tal ausência estatística é defendida por Gerardi e Silva (1981) na qual, parte do pressuposto de que em Ciências Sociais, cuja aplicação dos questionários deixa de ser significativa no ato da repetição e/ou similaridade das respostas obtidas junto aos entrevistados.

Dessa forma, fixamos a aplicação de trinta questionários, com questões referentes a descrição socioeconômica do entrevistado, como: endereço, faixa etária, sexo, escolaridade, ocupação profissional, renda salarial, carga horária de trabalho e de lazer. Por fim, levantou-se dados referentes á forma de utilização do espaço público: Forma de utilização, frequência, dia e horário da semana, também se questionou a

acessibilidade e atuação do poder público na feitura e manutenção dos espaços pesquisados.

Assim, com base no levantamento qualiquantitativo, elaboramos um infográfico, utilizando-se de uma imagem aérea (do local) e itens analisados, estes representados por símbolos (bancos, igrejas, lixeiras, etc) e classificados por cores. Sendo assim: Verde = atende, Laranja = atende parcialmente e vermelho: não atende. Quando notado a ausência de elementos essenciais, estes foram propostos por meio de ícones em preto.

4. O espaço público de Campo Mourão: infraestrutura e avaliação dos usuários

Espaço público e cidade fundem-se tornando um só elemento e uma só história, dessa forma, o espaço público é impactado veemente por seu entorno. Além de simbólico, o espaço público é também funcional. O espaço público é estruturante, funcionando como um condutor, conduz a forma urbana: sua amplitude, forma função e essência. No entanto, espaços públicos e privados, integram a cidade e juntos são responsáveis por usos e funções do espaço público e seu entorno.

O espaço público, não deve ser visto, considerado e tratado como um elemento isolado, mas sim, como uma conjuntura, é importante que o mesmo, se integra e componha a cidade. O espaço público deve apresentar infraestrutura adequada a sua funcionalidade ao mesmo tempo, a cidade deve proporcionar sua utilização, por meio da mobilidade urbana, e interação entre ambiente público e privado.

O bom espaço público deve atender os anseios da contemporaneidade, tanto do visto simbólico como funcional (infraestrutura e equipamentos públicos), inclusive, atendendo as boas técnicas construtivas e as normativas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), referente a acessibilidade, segurança e solidez.

A mobilidade urbana, deve proporcionar fluidez e segurança ao deslocamento de pessoas, veículos e cargas. Sendo necessário a existência de bom fluxo viário (vias urbanas, estacionamento, ciclovia, pontos de ônibus, etc), capaz de estimular e atender aos diferentes modais.

Enquanto que a interação entre público privado consiste na relação entre espaço público e seu entorno (vizinhança), como as lojas, residências e edifícios institucionais. A relação espaço público X entorno deve ser íntima, sendo essencial para o mantimento de ambos. O espaço público é estruturante e atrativo, ao mesmo tempo, o espaço privado é responsável por uma atratividade diversa, além de proporcionar segurança por meio de câmeras de segurança e pela movimentação diária de pessoas.

Assim, por meio das figuras 02 e 03 representamos as praças da Igreja e do Fórum, sua infraestrutura e seu entorno imediato.

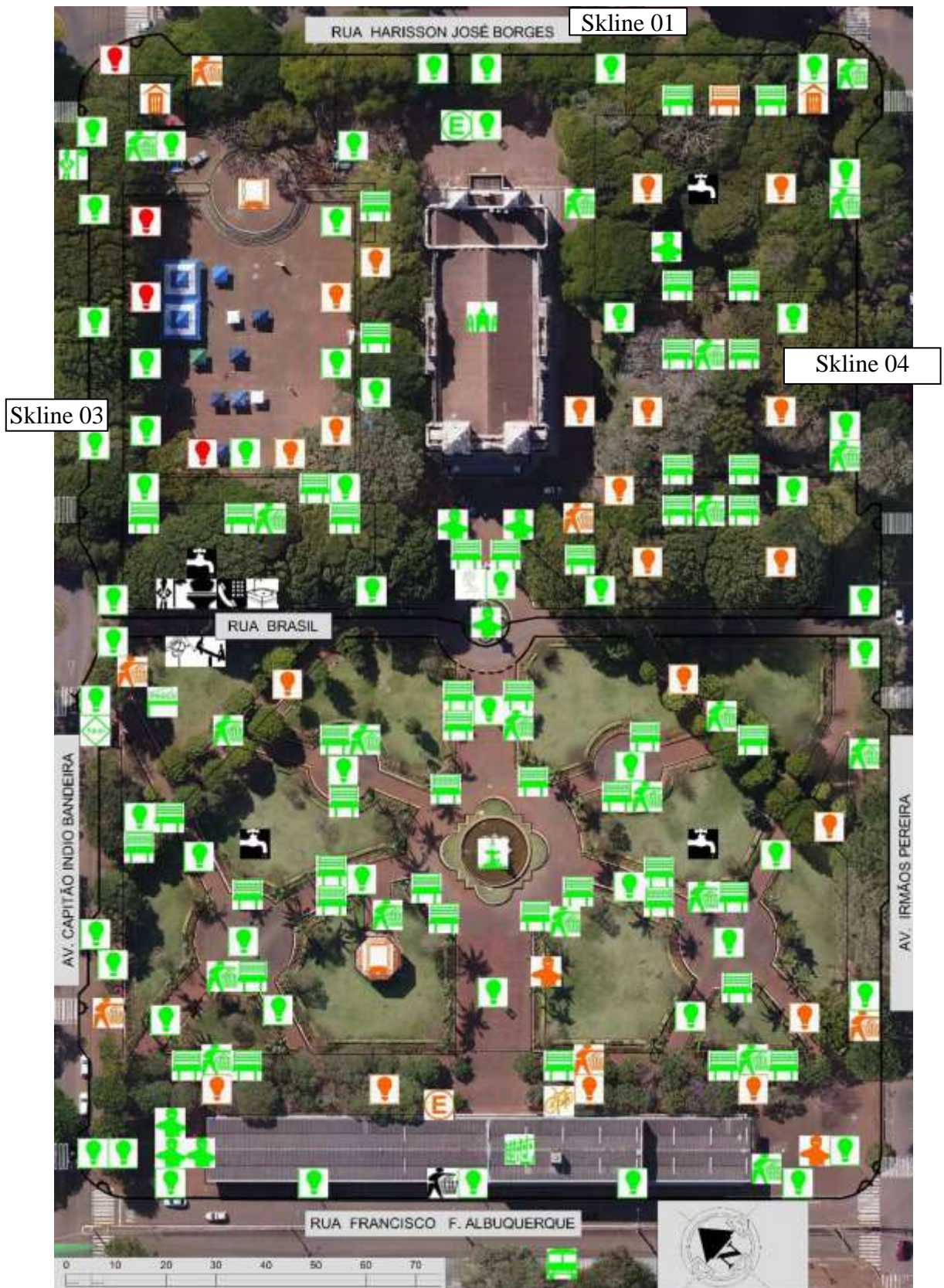


Figura 2. Praça São José e Getúlio Vargas: Infraestrutura. Fonte: Elaborado pelos autores.

Skline 02

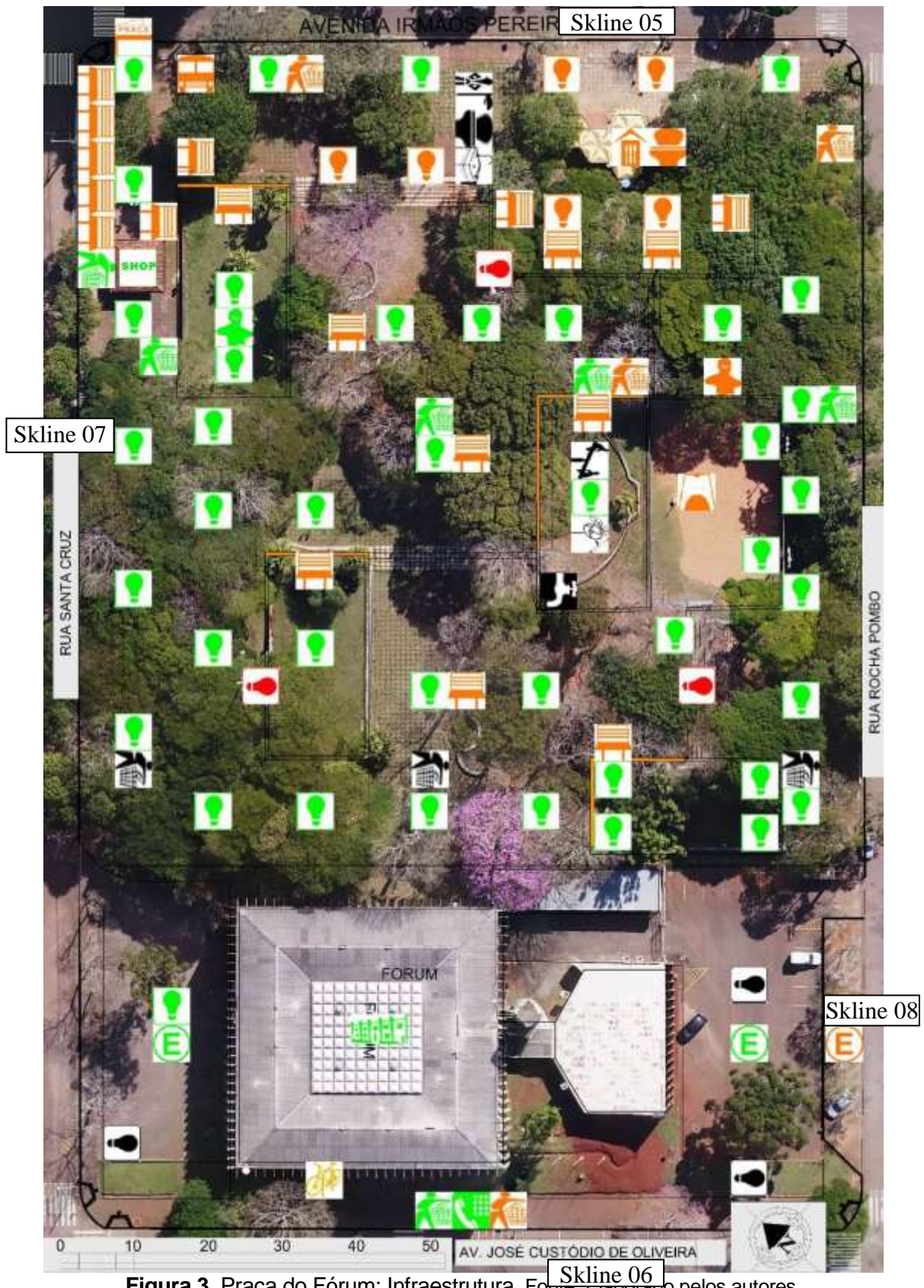


Figura 3. Praça do Fórum: Infraestrutura. Fonte: Elaborado pelos autores.

A praça da Igreja proporciona a diversidade, a coexistência, ao mesmo tempo, o conflito e a

segregação social. As praças contam com os seguintes equipamentos e mobiliários: 49 bancos, 25 lixeiras, 1 floreiras, 1 paraciclo, 2 quiosques para a alimentação, 1 coreto, 1 palco/arena, 1 placas de identificação, 1 chafariz, 1 igreja, 1 edifício institucional, 9 memoriais/monumentos/obras de arte e 80 pontos de iluminação. As praças não contam com itens basilares como: bebedouros, telefones públicos, nem opções voltadas ao lazer ativo. Importante destacar a existência de sanitários, no entanto, de caráter semipúblico, pois é administrado pelo comerciante.

Longe da dinamicidade da área central, a Praça do Fórum assume ares pacatos, predominando o lazer contemplativo. A Praça conta com os seguintes equipamentos e mobiliários: 18 bancos/assentos, 9 lixeiras, 1 paraciclo, 1 telefone público, 2 quiosques/shop, 1 Quadra de areia, 1 placas de identificação, 1 edifício institucional, 2 memoriais/monumentos/obras de arte e 51 pontos de iluminação. Assim, como nas praças centrais há sanitários mantidos pelo comerciante.

Salientamos que, que há uma intrínseca relação entre espaço e entorno, assim, temos por objetivo descrever o espaço ambiente e sua relação com o entorno imediato. Importante destacar que classificamos os edifícios situados no alinhamento predial demais espaços edificados ou livres além da rua, como entorno.

A praça da Igreja assume importante ponto nodal e simbólico, seu entorno, conforme skyline da (figura 04) contem: praça; museu; ponto de táxi, terminal rodoviário; farmácias; instituições bancárias; atividades comerciais; estacionamento; e residenciais (fundo do lote e/ou sobre loja).



Skyline 01



Skyline 02



Skyline 03



Skyline 04

Figura 4. Praça São José e Getulio Vargas: Skyline. **Fonte:** Elaborado pelos autores.

A praça da Igreja tem como grande atrativo, a presença massiva do setor comercial (joalherias, roupas, calçados, cosméticos, artigos religiosos, mobiliários de açougue, casas de produtos agropecuários). Tal diversidade proporciona vitalidade urbana ao local, suas atratividades estimulam as pessoas a se locomoverem, ao mesmo tempo, oferecendo segurança e zelo pelo local, o que Jane Jacobs (2014) chama de olhos da rua. É importante destacar que atratividade e segurança são condicionantes fundamentais a caminhabilidade, também conhecida como *walkability*, pois o percurso a ser caminhado é proporcional ao quão confortável e atrativo é.

A diversidade comercial, o museu, as instituições bancárias, as lanchonetes são importantes elementos na transição entre público, semipúblico e privado, desempenhando importante papel na atratividade, manutenção e segurança do calçadão e da Praça da Igreja. Essa relação/conexão é chamada por Karssenberget al (2015) como *Plinths* (Atratividade ao nível dos olhos, ou seja, emoções, sensações que a fachada do térreo provoca ao transeunte/observador). Ao mesmo tempo, Jan Gehl (2010) conceitua tal relação como *Soft edges* (Fachadas ativas e atrativas, indutoras e não inibidoras de contato) e Allan Jacobs (1996) chama de transparência (intersecção público/privado, (alinhamento predial), permitindo uma observação entre “dentro e fora” podendo ser gradis, janelas, portas, vitrines).

Tal interatividade (entre espaço público e adjacentes) constatada na praça da Igreja não se dá como a mesma intensidade na Praça do Fórum, visto ser menos estruturada, mais periférica e conseqüentemente menos atrativa ao frequentador. A Praça é circundada por uma zona mista (comércio, residência, barzinhos e instituições como a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB).
Figura 05.



Skyline 05



Skyline 06



Skyline 07



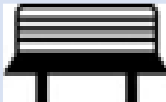
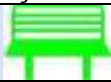

Skyline 08

































Figura 5. Praça do Fórum. **Fonte:** Elaborado pelos autores.































Dessa forma, é importante destacar a representatividade dos espaços públicos (praças, parques e calçadas) na vitalidade urbana, na interação e valoração do seu entorno. Na história da urbanização, sobretudo da pequena cidade, é a igreja, a praça central que ordena o território. Além do mais, conforme Bovo e Andrade (2012, p. 10), à medida que a praça ordenou o território mourãoense, a mesma sofreu consequências: “[...] No caso de Campo Mourão, suas praças centrais não só possibilitaram a organização de seu espaço, mas também sofreram as consequências imediatas de sua inserção no contexto da cidade como um todo, a partir das primeiras ruas, edificações, quarteirões, etc”.












Assim, sendo apresentamos no quadro 1 o panorama atual das praças pesquisadas levando em consideração os aspectos quali-quantitativos com relação a estrutura.

Quadro 1. Panorama atual do espaço público: uma análise entre o bom, o regular, o ruim e a necessidade de implantação.

Item	Praças São José e Getúlio Vargas		Praça Bento Munhoz da Rocha Neto	
Bancos 		Nota 2,5		Nota 1,1
	Acessíveis; ergonômicos e bem conservados		Inacessíveis; não ergonômico; falta de limpeza e manutenção.	

Iluminação 		Nota 2,0		Nota 1,0
	Bem distribuídas; bem conservadas; com luminárias queimadas; obstrução por copa das arvores		Distribuição deficiente; luminárias queimadas; obstrução por copa das arvores	
Lixeiras 		Nota 2,1		Nota 1,1
	Bem distribuída; acessíveis; falta de manutenção; equipadas com sacolas plásticas.		Mal distribuída; pouco acessíveis; falta de manutenção; equipadas com sacolas plásticas.	
Sanitários 				
	Não há sanitários público (livre acesso)		Não há sanitários público (livre acesso)	
Telefone Público 				Nota 1,3
	Não há telefone público		Mal conservado; efetua chamadas; parcialmente acessível	
Bebedouros 				
	Não há bebedouro		Não há bebedouro	
Pisos e Caminhos 		Nota 1,7		Nota 0,5
	Bem conservado; parcialmente acessível; seguro.		Mal conservado; Inacessível; inseguro	
Palco/coreto/ placa publicitária 		Nota 1,8		Nota 2,8
	Proporciona atividade diversificadas; conservado parcialmente; acessível parcialmente, subutilizado; representativo arquitetonicamente.		Não há palco/elemento cultural.	
Obra de arte 		Nota 2,3		Nota 2,5
	Significantes; Carentes de visibilidade, informações, limpeza e manutenção.		Significantes; Visível, Carentes de limpeza e manutenção.	
Chafariz 		Nota 2,8		
	Simbólico; histórico; visível; elegante; funcionando; apresentando falta de limpeza.		Não há chafariz/espelho da água.	
Ponto d'água 				
	Não há pontos d'água		Não há pontos d'água	
Estacionamento		Nota 2,1		Nota 2,1

	Acessível, com sombra, apresenta conflitos entre motocicletas e pedestres		Acessível, com sombra, apresenta conflitos entre automóveis e pedestres			
Ponto de Ônibus 		Nota 2,8		Nota 1,3		
		Bem localizado; coberto; equipados com bancos		Mal conservado; difícil acesso (piso degradado), parcialmente desprotegido.		
Ponto de Táxi 		Nota 2,8				
		Bem conservado, tem abrigo, funcionando, e significativo quanto sua arquitetura.		Não há ponto de táxi nas proximidades		
Quadra esportiva 		Não há quadra esportiva			Nota 1,5	
				pouco conservada, iluminada e aberto ao público		
Eq. para prática de exerc. físicos 						
				Não há equipamentos para exercícios físicos		
Estrutura para a terceira idade 		Não há equipamentos para a terceira idade			Não há equipamentos para a terceira idade	
Parque infantil 		Não há parque Infantil			Não há parque Infantil	
Banca de revista 		Não conta com banca de revista			Não conta com banca de revista	
Quiosque para alimentação e/ou similar 		Nota 1,9		Nota 1,7		
		Funcionando, bem conservados; simbólicos; pouca acessibilidade; sem praça de alimentação		Funcionando, esteticamente desagradável, carente de acessibilidade e manutenção, conta com pequena praça de alimentação		
Quiosque para vendas diversas 		Não há comercio diversificado.			Não há comercio diversificado.	
Identificação da praça 		Nota 1,7		Nota 1,1		
		Em quantidade reduzida, em pedestal de alvenaria com placa metálica. Muito simbólica, porém mal conservada.		Instalada em perfil metálico, pouca conservada e baixa quantidade.		

Edificação institucional 		Nota 3,0		Nota 2,3
	Simbólico, histórico, funcional, bem conservado		Simbólico, mas carente de manutenção	
Templo Religioso 		Nota 3,0		
	Simbólico, histórico, funcional, bem conservado			
Segurança 				
	Não há ponto policial		Não há ponto policial	
Vegetação 		Nota 2,8		Nota 1,8
	Diversificada e bem conservada, proporciona luz/sombra e usabilidade ao local		Pouca diversificada; pouco conservado; muito densa, causa fobia as pessoas	
Avaliação geral	Nota média: 2,35		Nota média: 1,58	
	Enquanto espaço público, as praças São José e Getúlio Vargas cumprem sua função		Enquanto espaço público, a Praça Bento Munhoz da Rocha Neto, cumpre parcialmente as funções.	

Fonte: Elaborado pelos autores.

O quadro 01 apresenta uma análise quali-quantitativa pautada em De Angelis (2000), conforme apresentado nos procedimentos metodológicos, na qual classificamos os objetos numa escala de 0,0 (zero) a 3,0 (três). Sendo: 0,0 —|1,0 ↔ ruim; 1,1 —|2,0 ↔ regular; 2,1 —|3,0 ↔ bom. Assim, em ambas as praças, temos elementos classificados como ruins, regulares, bons e ausentes. Para efeitos de comparativos, aqui optamos por agrupar os elementos conforme sua classificação/avaliação. Iniciamos por apresentar as similaridades.

Em ambas as praças contém elementos que atendem aos requisitos solicitados, sendo classificados como bons: sendo eles: obras de artes, estacionamento e edifícios institucionais. Na qual pare esses itens foi avaliado, simbolismo, condições de acessibilidade para veículos, simbolismo e funcionalidade dos edifícios institucionais. Ainda há elementos que atendem parcialmente (regular), sendo eles: quiosque para alimentação e/ou similar e identificação da praça. Tanto quiosque quanto placas de identificações são existentes, no entanto, precários de manutenção e visibilidade no caso das Placas.

Ambas as praças apresentam ausência de elementos basilares e essenciais para o funcionamento de um bom espaço público, como: sanitários públicos, bebedouros, pontos de água, parque infantil, shop (mercadinho) e segurança. Nesse contexto, considerando a necessidade de uma escala humana (para atender as necessidades antrópicas), sugerimos a implantação dos itens citados. De modo singular, considerando localização (mais periférica) e programa de necessidades existente (lazer ativo), sugerimos a implantação de equipamento para prática de exercícios físicos nas instalações da Praça do Fórum.

Apresentado as similaridades, tem-se as discrepâncias. Somente a Praça do fórum conta com itens avaliados como ruins, sendo eles: iluminação e acessibilidade, ou seja, trata-se de uma infraestrutura existente, porém ineficiente para atender os padrões de uso na contemporaneidade. Demais itens, como: bancos, lixeiras, vegetação, pontos de ônibus e taxis foram mais bem qualificados nas praças São José e Getúlio Vargas. Dessa forma, percebe-se uma discrepância favorável as praças centrais.

5. Análise dos espaços públicos pesquisados: diferentes olhares

O espaço geográfico é o processo de transformação do espaço natural em um espaço antrópico, ou seja, feito pelo homem, para atender as suas necessidades. Dessa forma, um mesmo espaço pode atender as necessidades de determinado indivíduo/grupo de indivíduos e ao mesmo tempo deixar de atender outros. Assim, entendemos que haverá subjetividade quanto às adjetivações dos espaços pesquisados. Para tanto, de forma a atingirmos nossos objetivos, aplicamos trinta questionários em cada praça de modo que, algumas das questões apresentavam uma única alternativa, enquanto que outras, de livre escolha. Conseqüentemente, na maioria das vezes, os apontamentos foram superiores a trinta.

Os questionários foram aplicados de forma aleatória, no entanto buscando atingir a mais próxima equidade entre diferentes faixas etárias e gênero. Com base nos questionários, ilustramos por meio de gráficos equadros/tabelas o perfil dos usuários e como utilizam o espaço público. Dessa forma, a infraestrutura e atividades existentes, impactam veemente na forma, frequência de utilização e avaliação do ambiente.

Ambos os espaços públicos atraem frequentadores dos mais variados e diferentes bairros da cidade, no entanto, a praça da igreja mostrou-se mais abrangente, com visitantes de outras cidades e estados. O perfil do entrevistado é bastante semelhante em ambos os locais, com faixa salarial predominante de 1 a 3 salários mínimos, predominância da classe trabalhadora com carga horária semanal acima de 40 horas. No que diz respeito a prática do lazer, na praça da igreja permanece práticas de lazer entre 4 a 10 horas semanais, enquanto que, na praça do fórum predomina a prática de lazer entre 7 e 10 horas semanais.

É importante aqui destacar que lazer pode ser ativo ou contemplativo. Quando de folga, 61% dos entrevistados afirmaram ficar em casa, 32% afirmaram sair, enquanto 2% disseram tanto ficar em casa, quanto sair, importante destacar que 1% afirmou não ter folga.

Dessa forma, entendemos que grande parte dos entrevistados prefere ficar em casa a sair. Nesse contexto, levantamos seus principais hobbies enquanto permanece em casa, assim como também, o que preferem fazer quando saem (gráfico 1 e 2).



Gráfico 1. Atividades feitas em casa. Fonte: Pesquisa de campo.

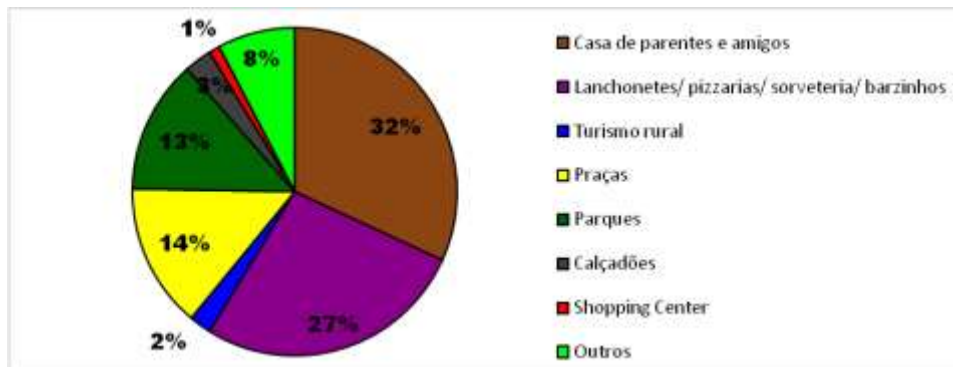


Gráfico 2. Atividades feitas quando sai de casa. Fonte: Pesquisa de campo.

Quando em casa, os entrevistados têm como principais atividades ver televisão (25%) e acessar internet (24%). É relevante destacar que em suas casas, 22% dos entrevistados estendem sua jornada laboral (trabalho, estudos e afazeres domésticos). Atividades culturais, como leitura e música, contabilizam 14%.

Quando saem, esse público tem como atividades preferidas visitar parentes e amigos (32%), seguido de frequentar atividades voltadas a alimentação, como: lanchonete, bares, pizzarias, barzinhos. Praças, parques e calçadões somam 30%. Outras atividades como: baile da 3ª idade, atividades religiosas, bosques e pilotar moto correspondem a 8%. Ainda quando saem, o carro, é o modal mais utilizado pelos entrevistados (56%), seguidos por motocicletas (19%) e ônibus (11%).

O automóvel apontado por Calliari (2016 e 2017), Gelh (2010), Sobarzo (2017) e Jacobs (2014) como elemento antiurbanidade e conflituosos para a atualidade. No entanto, muito presente em Campo Mourão, seja por hobbie cultural, ou por carência na oferta de estatura/qualidade para a prática de outros modais. Quando visitam os espaços públicos de Campo Mourão, utiliza-se de forma distintas.

As Praças São José e Getúlio Vargas predominam as atividades voltadas ao lazer: descansar e passar o tempo (32%), trazer as crianças para brincar (22%), ar puro e contemplar a paisagem (15%). São atividades voltadas à estrutura da praça: (espaço arborizado, amplo, consequentemente flexível as atividades e favorável a contemplação).

Em contraponto a praça central, a Praça Bento Munhoz se apresenta como um não-lugar, na qual, aproximadamente 30% dos entrevistados utilizam a praça como local de passagem (muitos

trabalham na praça e em seu entorno), além do mais, a praça conta com um ponto de ônibus. A praça é marcada como local de descanso (26%), comumente em determinados horários se vê pessoas almoçando, acomodadas nos bancos e/ou parterres sob as frondosas sombras de sua arborização.

As necessidades e a forma de utilização refletem veemente no tempo de permanência do usuário. Enquanto a praça da igreja tem (1 e 2 horas), a Praça do fórum é indicada por cerca de 35% dos entrevistados como local de passagem. Tanto a Praça da Igreja e do Fórum tem sua utilização predominância nos sábados e dias úteis. Novamente o programa espacial e funcional refletem na utilização do espaço público. Enquanto as praças São José e Getúlio Vargas são amplamente utilizadas aos sábados (com os programas voltado ao lazer: aluguel de brinquedos para crianças, feirinhas, etc).

Localizada mais periférica, em estado de abandono e sem a presença maciça do comércio, a Praça Bento Munhoz tem sua utilização intensificada nos dias úteis (comerciantes da “pedra”, do Xaxixão, professores, estudantes, funcionários das instituições próximas a praça, etc.). Aos finais de Semana, sem atratividade, a praça é pouco utilizada.

Conseqüentemente, quando questionado se o usuário frequenta sempre o local, temos o calçadão com 93% das afirmativas. Cabe destacar a baixa frequência dos usuários das Praças Getúlio Vargas e São José (47%), muito provavelmente, devido ao fato da frequência rotineira aos sábados, ou seja, intervalo de uma semana. Quando vão ao espaço público, os motivos que levam os entrevistados são diversos, conforme gráfico 3.

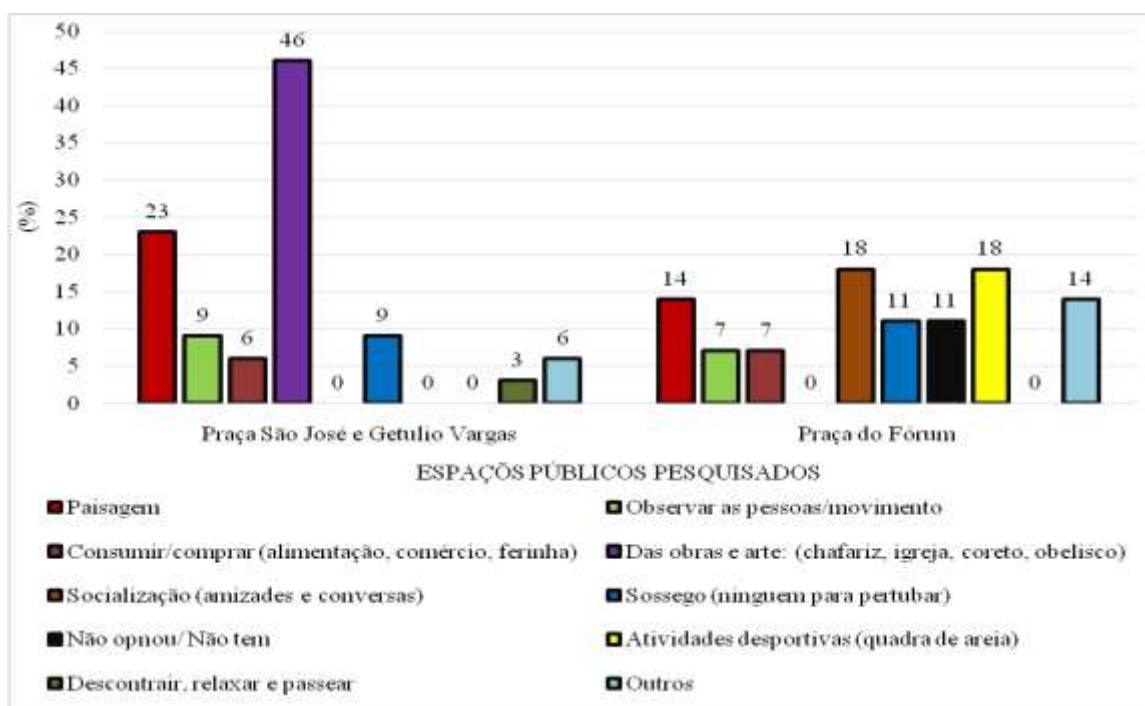


Gráfico 3. Motivos que levam os entrevistados aos espaços públicos de Campo Mourão. Fonte: Pesquisa de campo.

Os usuários das Praças São José e Getúlio Vargas preferem apreciar seu conjunto: o paisagismo, as obras de artes, a igreja, o chafariz, o coreto, a sombra e a natureza. São essas as

características de um espaço de contemplação, ou seja, o programa funcional dessas praças. Além do mais, as proximidades com o calçadão (e seu posicionamento de centro e centralidade) faz com que haja intenso movimento. Dentre as atividades preferidas citadas em “outros” temos, a oferta de brinquedos infantis e a presença de famílias.

Os motivos que levam o frequentador à Praça Bento Munhoz, são: a paisagem, a possibilidade de socialização e a quadra de areia. A paisagem, ampla e predominada por grandes árvores, proporciona sombra e possibilidade de permanência durante o dia. A presença da quadra de areia é um diferencial na região central, visto não haver áreas públicas mantedoras de lazer ativo na região. A socialização ocorre de forma intensa, principalmente por frequentadores da Pedra. Destacamos a presença de outras atividades, como: transações comerciais, jogar baralho, e a presença do fórum.

Quanto ao grau de conservação, as Praças São José e Getúlio Vargas são consideradas pela maioria (acima de 50%) como boa, salientamos que não houve entrevistado que considerasse o ambiente como péssimo. No entanto, os usuários da Praça Bento Munhoz da Rocha são divididos quanto a seu grau de conservação. O conceito bom caminha ao lado do péssimo (23 e 30%), respectivamente. Tal fato ocorre principalmente pela praça ser um local de passagem na qual, diante de sua inutilização, o usuário acaba por desconhecer sua real situação.

O fato é que o grau de conservação reflete na aceitabilidade quanto à acessibilidade. Os locais mais conservados (calçadão e as praças mais centrais) são considerados acessíveis por 50% ou mais dos entrevistados, enquanto que 10% dos entrevistados consideram a Praça Bento Munhoz da Rocha acessível.

O estado de conservação reflete na avaliação de órgãos responsáveis (prefeitura, e comércios adjacentes) no mantimento do local pesquisado, conforme gráfico 4.

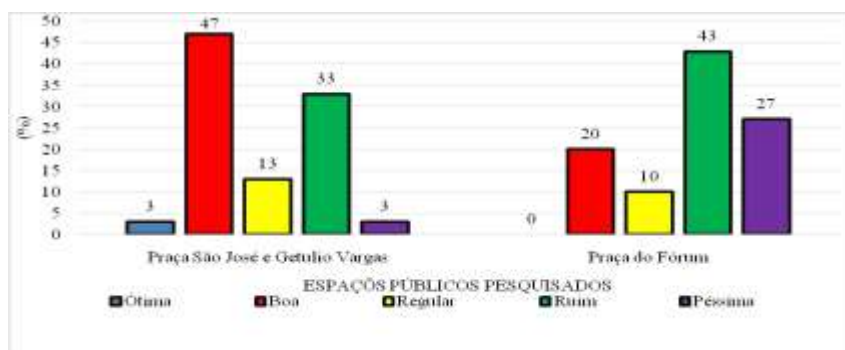


Gráfico 4. Avaliação da atuação dos órgãos responsáveis pela qualidade desse espaço? Fonte: Pesquisa de campo.

A diversidade, a funcionalidade, o grau de conservação e acessibilidade da praça da Igreja acabam por refletir na avaliação dos gestores do local. No entanto, não há unanimidade, mas, sim, uma dicotomia (bom/ruim), na qual ambos somam 80% dos entrevistados.

Em situação oposta ao Calçadão, a gestão da Praça Bento Munhoz da Rocha é considerada ruim por 43% dos entrevistados, e péssima por (27%), ou seja, para 70% dos entrevistados, a atuação dos gestores é aquém do esperado.

Para complementar, a atuação dos órgãos responsáveis pelo mantimento dos espaços pesquisados, como já levantamos a infraestrutura no início desse capítulo, objetivamos discorrer acerca das políticas públicas adotadas pela prefeitura que visam dar funcionalidade e atratividade aos espaços públicos, conforme quadro 2.

Quadro 2. Políticas públicas e eventos com o apoio da prefeitura.

local	Evento	Frequência	Objetivos
Praça São José e Getúlio Vargas	Feira criativa	1x/semana	Oportunizar para o pequeno empreendedor, artesãos e produtores um local para comercialização dos seus produtos. Propiciar para a população mourãoense um local de descontração, entretenimento e compras de produtos artesanais e locais.
	Feira de artesanato (Artecam e Casa do artesão)	2x/mês	Apoiar os artesãos locais
	Semana MEI -Semana do microempreendedor Individual	1x/ano	Semana de Comemoração do Microempreendedor Individual.
	Encontro de Carros antigos	1x/ano	Aproximadamente 4 mil frequentadores e mais de 400 carros em exposição. Evento promovido pelo Antigomobilismo – Auto Clube Campo Mourão.
	Cursos nas carretas	1x/ano	Capacitar os jovens do município em local de fácil acesso e visibilidade para os patrocinadores.
	Degustação do Carneiro no Buraco	1x/ano	Divulgar o principal prato do município
	Expoflor e Feira das flores	1x/ano	Promovida pelo Lions Clube, (com duração de uma semana), o evento é beneficente, sendo a renda destinada a entidades da cidade. Ocorrem em meses diferentes (março e agosto)
	Quermesse de São José	1x/ano	Ocorre na semana do padroeiro (19 de março), sem fins lucrativo, com barracas de salgados, doces, artesanato religioso.
	Outros eventos pontuais: Réveillon; Natal; Festivais de música, teatro e circo; auto da paixão; aniversário de Campo Mourão; apoiadores (setembro amarelo, outubro rosa e novembro azul); Dia das crianças; Hip Hop e contação de história no Coreto.		

Fonte: Fundacam; Secretaria de desenvolvimento econômico; Sepla (2019).

Dessa forma, notamos que as entidades, a prefeitura e suas secretarias municipais acabam por priorizar eventos e atividades na região central da cidade, principalmente na arena da Praça São José, que por sua proximidade, acaba por impactar diretamente no calçadão. Temos como exemplo, a “feira criativa”, esta que ocorre na Avenida Capitão Índio Bandeira, junto ao segundo trecho do Calçadão e também a Praça São José. Mais afastada, menos frequentada e com menos visibilidade, a Praça Bento Munhoz não conta com eventos e políticas públicas.

Assim sendo, por meio do gráfico 5, apresentamos as sugestões para as melhorias do espaço público acerca da ótica do usuário. O conteúdo do gráfico, diante da possibilidade e necessidade de haver respostas discursivas, cada indivíduo apresentou respostas distintas, mas de conteúdo semelhante, optamos por agrupá-las nas temáticas: reforma, eventos, lazer comercial, segurança, políticas públicas e outros. Para tanto, de forma mais abrangente, primeiramente apresentamos por meio de um gráfico, tais temáticas, posteriormente, na minuciosidade, apresentamos por meio de

tabelas as diversas opiniões agrupadas.

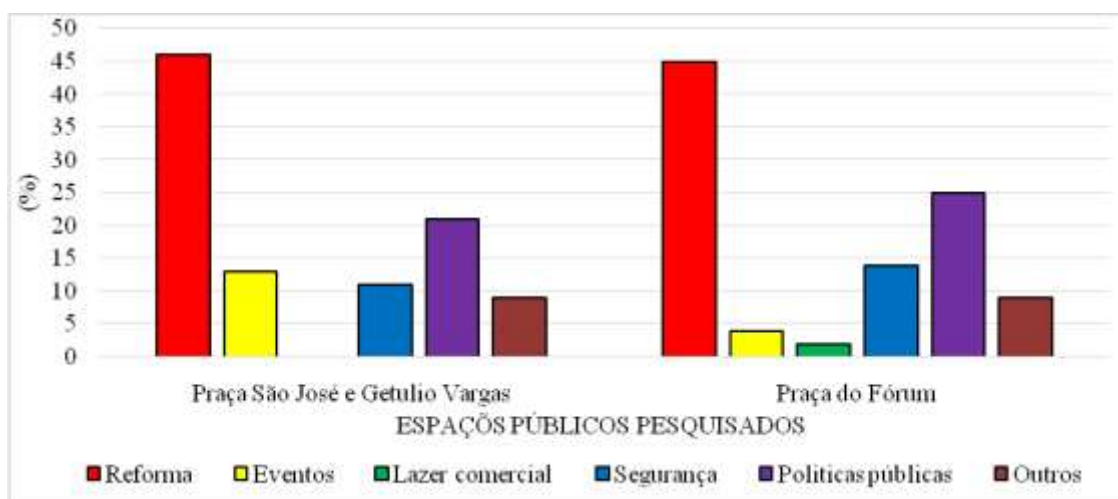


Gráfico 5. Avaliação Deficiências - sugestões para a melhoria dos espaços públicos. **Fonte:** Pesquisa de campo.

Mesmo sendo ambientes distintos, os anseios dos entrevistados apresentam certa similaridade, principalmente no tocante à segurança e necessidades de políticas públicas. Dentre as sugestões de melhoria, temos como prioridade revitalizar/reformar a praça da Igreja e também do Fórum.

6. Considerações finais

Quanto a forma de uso, na Praça da Igreja predomina atividades voltadas ao lazer contemplativo, além de atividades infantis e comerciais, enquanto que a praça do fórum predomina o local de passagem. A melhor estrutura presente na praça da igreja reflete na diversidade, frequência e carga horária de permanência, fazendo da praça central mais atrativa.

No mesmo sentido, para o poder público, a praça central é mais visada, constantemente reformada o local é palco de diversas políticas públicas de utilização, como feiras e distintos eventos (natal, páscoa, etc).

Dessa forma, concluímos que há uma preferência por investimento do poder público e utilização por parte dos frequentadores junto aos espaços públicos mais centrais. É na praça central que o poder público opta por construir e manter o espaço em bom estado de funcionamento, ao mesmo tempo, propondo políticas públicas de utilização. Por parte do público, ficou evidente a utilização desigual, enquanto a praça central é o local do lazer ativo, da permanência, a praça do Fórum foi caracterizada apenas como local de passagem, muito devidamente devido a sua carência de infraestrutura e atividades. Nesse contexto, torna-se necessário repensar os espaços públicos e sua arquitetura como única e de mesma importância, até mesmo nas regiões periféricas.

Referências

- ANDRADE, T. B. **Praças, poder público e população**: uma (re) leitura da imagem e uso das praças centrais de Campo Mourão – PR. Monografia - Programa de Pós-Graduação. Universidade Estadual Do Paraná – UNESPAR. Campo Mourão; 2012
- ASCHER, F. **Metapolis ou l'avenir des villes**. Paris: Editions Odile Jacob, 1995.
- BASTOS, F. Parcelamento do solo Urbano. Instituto Pólis, Idéias para a ação municipal. **Desenvolvimento Urbano**, São Paulo, n. 129, 1999. Disponível em: <<https://bit.ly/3lbt5Sq>>. Acesso em setembro de 2022.
- BORTOLO, C. A. de. O espaço público do parque do povo – Presidente Prudente SP: reflexões geográficas. **Revista Geografia em Atos**. Presidente Prudente, n. 13, v.1, p. 50- 65, jan./jun., 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2QsBeLW>>. Acesso em setembro de 2022.
- BOVO, M. C.; ANDRADE, T. B. Produção do espaço histórico-cultural de Campo Mourão (PR) Brasil: um estudo de suas praças centrais. **Revista Formação Online**, n. 19, v. 1, p. 3-24, jan./jun., 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2FnGxGG>>. Acesso em setembro de 2022.
- CALLIARI, M. **Espaço público e urbanidade em São Paulo**. São Paulo: BEI Comunicações, 2016. _____. **Plano Diretor, espaço público e urbanidade**. Mogi das Cruzes, novembro de 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2ENFY8Z>>. Acesso em setembro de 2022.
- CASTRO, A. Espaços Públicos, Coexistência Social e Cívica. **Revista Cidades Comunidades e Territórios**, n. 5, p. 53-67, Dez., 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2wxfMIY>>. Acesso em setembro de 2022.
- DE ANGELIS, B. L. D. **A praça no contexto das cidades**– o caso de Maringá, PR. 2000. 366f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GEHL, J. **Cities for people**. Founding partner: Gehl architects. Urban quality consultants, Copenhagen. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2EX4bJ8>>. Acesso em janeiro de 2022.
- GERARDI, L. H. de O.; SILVA, B. C. M. N. **Quantificação em Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1981.
- GOMES, P. C. da C. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- JACOBS, A., B. **Grandes Calles**. Santander: Ed. Universidad de Cantabria, 1996.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- KARSSENBERG, H.; LAVEN, J. A cidade ao nível dos olhos: Estratégiado plinth. In: KARSSENBERG, H. et al (Ed.). **A cidade ao nível dos olhos**: Lições para os plinths. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2015, p. 14-25.
- RÉ, T. M. **A pequena cidade e a praça**: memória e funcionalidade do espaço público. 2017. Dissertação (mestrado). PPGSeD. Unespar, Campo Mourão-PR. Disponível em: < <https://bit.ly/2WPkNcj>>. Acesso em setembro de 2022.
- SERPA, Â. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Editora Contexto. 2011.
- SOBARZO, O. Espaço Público. In SPOSITO, E. S. (Org). **Glossário de geografia humana e econômica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p.187–201.